

## **AS CONDIÇÕES DA INFRAESTRUTURA ESCOLAR, CORPO DOCENTE E RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DESCRITIVO EM ITAPETINGA, BA**

---

LAS CONDICIONES DE INFRAESTRUCTURA ESCOLAR, CUERPO DOCENTE E Y RELACIONES DE GÉNERO EN LA ESCUELA DE ENSEÑANZA FUNDAMENTAL: UN ESTUDIO DESCRIPTIVO EN ITAPETINGA, BA

---

THE CONDITIONS OF SCHOOL INFRASTRUCTURE, TEACHING STAFF AND GENDER RELATIONS IN FUNDAMENTAL SCHOOL: A DESCRIPTIVE STUDY IN ITAPETINGA, BA

Maria de Fátima de Andrade Ferreira  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

José Valdir Jesus de Santana  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

### **RESUMO**

O artigo reúne parte dos resultados da pesquisa descritiva que investigou relações de gênero em uma escola municipal de ensino fundamental, Itapetinga, BA, com foco no emprego de preconceitos e discriminação de gênero entre alunos e professor-alunos e a influência das condições e organização da infraestrutura escolar na aprendizagem escolar, observando as estratégias utilizadas pela escola (ou não) para ensinar a formação de valores coletivos, cidadania e melhoria das relações entre alunos no cotidiano escolar. O significado e sentido de prática educativa bem sucedida, nos quais buscamos apoio, encontram-se ancorados nas ideias de Arendt (1997), educação e emancipação de Adorno (1995), relações de gênero, corpo e processo pedagógico em Louro (1997, 2000), Carvalho (2016, 2012) e outros. Com base nos teóricos, compreendemos práticas educativas bem sucedidas aquelas que, além de gerar aprendizagem positiva, formação da cidadania e condição humana, possibilitam a melhoria das relações entre alunos (as) e professor-aluno(a), ampliando sentimentos afetivos e valores éticos, que potencializam relações interpessoais na escola. Neste texto, apresentamos um recorte

## AS CONDIÇÕES DA INFRAESTRUTURA ESCOLAR, CORPO DOCENTE E RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DESCRITIVO EM ITAPETINGA, BA

teórico e resultados alcançados com informantes e de ações sobre gênero e intersecção raça e etnia. Esses resultados apontam que, quando a escola se preocupa com a melhoria das condições do ambiente escolar, como lugar de encontros prazerosos, saudável e a criação de estratégias para formação de valores e cidadania de seus alunos, tornando-os mais alegres, afetivos(as), potencializa as relações de interação, sociabilidades, respeito à diferença, convivência com a diversidade, responsabilidade com a vida e igualdade na escola, contudo, precisa ainda caminhar nesta direção.

**Palavras-chave:** Escolarização. Gênero. Raça e Etnia. Práticas educativas.

### RESUMEN

El artículo recoge parte de los resultados de la investigación descriptiva que investigó las relaciones de género en una escuela primaria municipal, Itapetinga, BA, centrándose en el uso de prejuicios y la discriminación de género entre estudiantes y profesores-estudiantes y la influencia de las condiciones y la organización de la infraestructura de la escuela en el aprendizaje escolar, observando las estrategias utilizadas por la escuela (o no) para enseñar la formación de valores colectivos, la ciudadanía y la mejora de las relaciones entre los alumnos en la rutina escolar. El significado y el sentido de una práctica educativa exitosa, en la que buscamos apoyo, están anclados en las ideas de Arendt (1997), educación y emancipación de Adorno (1995), relaciones de género, cuerpo y proceso pedagógico en Louro (1997, 2000), Carvalho (2016, 2012) y otros. Con base en los teóricos, entendemos prácticas educativas exitosas que, además de generar aprendizaje positivo, formación de ciudadanía y condición humana, permiten mejorar las relaciones entre los estudiantes y el maestro-estudiante, expandiendo los sentimientos afectivos y los valores éticos, que mejoran las relaciones interpersonales en la escuela. En este texto, presentamos un recorte teórico y los resultados obtenidos con informantes y acciones sobre género y la intersección de raza y etnia. Estos resultados indican que, cuando la escuela se preocupa con la mejoría de las condiciones del ambiente escolar, como un lugar para encuentros agradables, saludables y la creación de estrategias para la formación de valores y ciudadanía de sus estudiantes, haciéndolos más alegres y afectivos, mejora las relaciones de interacción, sociabilidad, respeto por la diferencia, convivencia con la diversidad, responsabilidad por la vida e igualdad en la escuela, sin embargo, aún debe avanzar en esta dirección.

**Palabras clave:** Escolarización. Género. Raza y etnia. Práticas educativas

# AS CONDIÇÕES DA INFRAESTRUTURA ESCOLAR, CORPO DOCENTE E RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DESCRITIVO EM ITAPETINGA, BA

## ABSTRACT

The article gathers part of the results of the descriptive research that investigated gender relations in a municipal elementary school, Itapetinga, BA, focusing on the use of prejudices and gender discrimination between students and teacher-students and the influence of school infrastructure conditions and organization on school learning, observing the strategies used by the school (or not) to teach the formation of collective values, citizenship and improvement of relations between students in the school routine. The meaning and sense of successful educational practice, in which we seek support, are anchored in the ideas of Arendt (1997), education and emancipation by Adorno (1995), gender relations, body and pedagogical process in Louro (1997, 2000), Carvalho (2016, 2012) and others. Based on theorists, we understand successful educational practices that, in addition to generating positive learning, formation of citizenship and human condition, make it possible to improve the relationship between students and teacher-student, expanding affective feelings and ethical values, which enhance interpersonal relationships at school. In this text, we present a theoretical outline and results achieved with informants and actions on gender and the intersection of race and ethnicity. These results indicate that, when the school is concerned with improving the conditions of the school environment, as a place for pleasant, healthy encounters and the creation of strategies for the formation of values and citizenship of its students, making them happier, more affective, it enhances the relationships of interaction, sociability, respect for difference, coexistence with diversity, responsibility for life and equality at school, however, it still needs to move in this direction.

**Keywords:** Schooling. Genre. Race and Ethnicity. Educational practices.

## Introdução

As relações de gênero têm suscitado discussões por diferentes áreas do conhecimento, especialmente porque, nos últimos anos, a preocupação com o emprego de (pre)conceitos e discriminação entre alunos tem se multiplicado nas escolas de Educação Básica, e seus resultados indicam que a escola precisa tomar conhecimento e medidas necessárias para criar barreiras contra (pre)conceitos e discriminação de gênero e suas intersecções com raça/etnia, por meio de articulações de práticas educativas, que permitam confluências entre saberes plurais, interculturais e buscar soluções para dar visibilidade aos desafios das relações sociais de gênero na garantia do direito humano à educação e a vida.

É fato. Na escola, a violência provoca medo e insegurança a todos que, de algum modo, sofrem em decorrência de problemas diversos, inclusive sobre a falta de melhoria das condições e adequação da infraestrutura escolar. Os padrões tradicionais, hierarquizados, sobre masculinos e femininos encontram-se ainda presentes na escola e (re)produzem significados negativos entre meninos e meninas.

## AS CONDIÇÕES DA INFRAESTRUTURA ESCOLAR, CORPO DOCENTE E RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DESCRITIVO EM ITAPETINGA, BA

A combinação entre violência de gênero, práticas autoritárias, machistas, sexistas e homofóbicas definem quem é incluído e excluído da escola e, na maioria das vezes, com intersecção de raça/etnia, favorecendo ainda mais a complexidade do fenômeno no contexto escolar. Esta é uma situação que a escola precisa resolver. Homofobias, racismos, machismo, autoritarismos, são práticas desumanas que não podem e não devem mais permanecer nas instituições de ensino e nem em nenhum outro lugar do mundo.

A sociedade brasileira é caracterizada, historicamente, por marcadores de raça/etnia, classe, gênero entrelaçados nas relações sociais, demarca o lugar de homem e de mulher, pobre e rico, negro e branco, e operam por meio de preconceitos, discriminação e exclusão social. Na escola, as dinâmicas de gênero se fazem presentes na relação pedagógica e interferem nos resultados da qualidade do ensino e aprendizagem escolar.

De fato, é preciso de atitudes positivas contra essa questão. A crise na educação e o esfacelamento da autoridade na escola são problemas muito graves e, evidentemente, “há uma conexão entre a perda de autoridade na vida pública e política nos âmbitos privados e pré-políticos da família e da escola” (ARENDDT, 1997, p. 240). A maior prova de responsabilidade da família, escola e professor é a de compreender e tomar consciência de que o “papel desempenhado pela educação em todas as utopias políticas, a partir dos tempos antigos, mostra o quanto parece natural iniciar um novo mundo com aqueles que são por nascimento e por natureza novos” (Idem, p. 225).

A partir dessa compreensão, aqui, reunimos parte de resultados da pesquisa que investigou as condições e organização da infraestrutura escolar e formas de (pre)conceitos e discriminação nas relações de gênero numa escola municipal de ensino fundamental I, centro urbano, Itapetinga, BA, observando estratégias utilizadas (ou não) pela escola para ensinar valores coletivos e cidadania no cotidiano escolar e identificar de que modo se dão as relações de interação entre alunos e professor-alunos e seus impactos na convivência entre eles.

A escola é, aqui, um lugar de inserção social, provocação, encontros, vida, sociabilidades positivas e os professores têm grande responsabilidade na formação da cidadania e valores coletivos. A quantidade de demandas escolares e sociais para dar conta tem sobrecarregado o professor que, na maioria das vezes, tem sofrido com essa expressiva responsabilidade de ter que dar conta de atribuições inerentes à sua função docente e outras que deveriam ficar com a família e a sociedade como um todo. O professor não está preparado para

## AS CONDIÇÕES DA INFRAESTRUTURA ESCOLAR, CORPO DOCENTE E RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DESCRITIVO EM ITAPETINGA, BA

assumir todas demandas que lhes são conferidas e requer atualização profissional para ensinar e orientar seus alunos sobre temáticas que foram ao longo dos séculos impedidas de serem comentadas na escola, por exemplo, relações de gênero, raça/etnia.

Muitas escolas têm buscado alternativas para combater práticas negativas e promover discussão, abertura ao diálogo e à comunicação, valorizando a formação de alunos em valores éticos, individuais e coletivos e, muitas dessas ações são tomadas como práticas educativas bem sucedidas e têm dado retorno positivo na mudança de comportamento e atitudes dos participantes. Demonstram que a aprendizagem da compreensão e práticas dialógicas são fundamentais, além de levar o aluno a pensar, a formação da consciência crítica, cidadania e condição humana e, assim, têm buscado combater (pre)conceitos e discriminação de gênero e suas combinações com etnia/raça no cotidiano escolar, nessa direção.

O significado e sentido de práticas educativas bem sucedidas, nos quais apoiamos, encontram-se ancorados em Arendt (1997), quando defende que “a educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele” e nos orienta a identificar a lacuna entre o passado e o futuro para tratar da crise na educação. Pois, detectar perigos do declínio na educação no mundo e buscar valorizar o exercício do pensamento, é a melhor forma de conduzir as crianças que se quer educar para que sejam cidadãos de um amanhã justo, onde se pode viver bem. É preciso ensinar a criança a pensar, ela precisa ser afetada pelo processo de emancipação política e social, pela aprendizagem da compreensão e lucidez, assumir responsabilidade pelo mundo e vida.

A escola, cabe a responsabilidade de desenvolver atividade autônoma do pensamento para preservar a capacidade de reflexão crítica, possibilitando que o indivíduo possa agir e resistir à automização e ao mal (ARENDRT, 1989) e a formação continuada do professor. Essa reflexão nos leva a pensar que, as relações de gênero, corpo, sexualidade, têm tomado lugar de discussão no processo pedagógico (LOURO, 2000) e, com base nos teóricos, as práticas educativas bem sucedidas são aquelas que, além de gerar aprendizagem positiva à formação da cidadania e condição humana, possibilitam a melhoria das relações entre alunos e professor-alunos e amplia sentimentos de afetividade, ternura, valores éticos e potencializam relações interpessoais na escola.

Aqui, apresentamos um recorte teórico e resultados alcançados com alunos e professores da escola campo e ações sobre “Escola, Violência e Educação em Direitos Humanos”, tendo

## AS CONDIÇÕES DA INFRAESTRUTURA ESCOLAR, CORPO DOCENTE E RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DESCRITIVO EM ITAPETINGA, BA

como apoio técnico, membros parceiros da Rede de Pesquisa Discursos, Representações e Violência na Escola. Esses resultados apontam que, quando a escola se preocupa com a criação de estratégias para o trabalho com valores, afetividade, ternura, cidadania, condição humana de seus alunos, tornando-os mais alegres, afetivos, valoriza a organização de espaços escolares como lugar de encontros prazerosos, saudável, potencializa relações de interação, sociabilidades, respeito à diferença, (con)vivência com a diversidade e igualdade no contexto escolar.

É possível alcançar, nessa perspectiva, resultados positivos na aprendizagem dos alunos, diminuir repetência, evasão/abandono escolar e, certamente, as vivências educativas tornam-se momentos de convergência ao aumento do empoderamento, sentimento de pertencimento, o de ser aluno(a) da escola; e produz sentidos positivos que alteram de forma significativa a sua relação com o saber, a responsabilidade com tarefas escolares, escola, colegas, professores e com a vida. Portanto, ao que parece, as ocorrências de práticas de preconceitos e discriminação de gênero e suas intersecções com raça/etnia na escola, embora tenham sido observadas pela pesquisa, os dados levantados permitem compreender que questões relacionadas às categorias cor, local de moradia, são tipos de conflitos que provocam preocupação ao campo pesquisado.

Contudo, ocorreram avanços na realização de práticas pedagógicas que reforçam a autonomia da escola nas tomadas de decisão coletiva, seus ambientes estão mais organizados e atendem parcialmente aos objetivos do ensino, além de aceitar estratégias vindas de outras instituições e por estudo, procura minimizar conflitos, reduzir violências, inclusive tem buscado parcerias para combater o *bullying* entre alunos. Porém, quando se refere a organização e condições do espaço físico para atender à diversidade de gênero na escola, ainda precisa caminhar nesta direção.

### **Condições e organização da infraestrutura escolar, corpo docente qualificado e suas influências nas relações de gênero**

A infraestrutura escolar favorável ao processo de ensino-aprendizagem, o que inclui equipamentos e recursos didáticos adequados e suficientes, estrutura física apropriada e corpo docente qualificado, tem sido questionados quando se trata de lidar com diversas tipos de

## AS CONDIÇÕES DA INFRAESTRUTURA ESCOLAR, CORPO DOCENTE E RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DESCRITIVO EM ITAPETINGA, BA

violência no contexto escolar, sobretudo quando envolvem crianças e adolescentes, como autores ou vítimas.

Quando a violência ocorre, por exemplo, envolvendo relações de gênero, masculinos e femininos, demarca diferenças entre eles, por emprego de binarismos que indicam lugar de homem e lugar de mulher, brincadeira de menino e menina. Na escola, não é difícil ouvir que “isto não é coisa de homem”, “homem não cruza as pernas”, “moça não anda sozinha essa hora na rua”, “Não é assim que uma moça se comporta”, “Menina brinca de boneca e não de carrinho” e outras diversas expressões, produções binárias para pensar a diferença entre gênero, masculinos e femininos.

Essa não é uma prática nova na escola e nem na análise da pesquisa de Belotti (1985), que descreve percepções e representações sobre condicionamentos que influenciam nos primeiros anos da infância, na formação do papel feminino e masculino e são legitimadas desde o primeiro momento do nascimento para indicar formas de olhar, observar, pensar e perceber o lugar de homem e de mulher na sociedade, apontar diferenças entre meninos e meninas e legitimar produção de masculinidades e feminilidades.

As formas tradicionais e autoritárias de pensar a diferença desvelam o funcionamento de mecanismos de controle que ocultam gestos cotidianos e costumes, como formas automáticas e de injustas desigualdades entre os sexos, modos de separar, desunir, comparar, hierarquizar espaços, comportamentos, posturas, posições, preferências e denotar diferenças percebidas entre os sexos, forma de organizar espaços escolares, atividades e relacionar modos de ser homem e ser mulher, ser meninos e ser meninas. As diferenças sexuais masculinas e femininas são construídas/reproduzidas de forma naturalizada, a partir do aprendizado social, sem nos dar conta de como essas expressões reforçam desigualdades persistentes entre mulheres, por exemplo, com destaque de negras. O avanço nos indicadores de acesso e desempenho na escola são marcados de acordo com raça/etnia, classe e atingem principalmente a homossexuais e negros e a manutenção de (pre)conceitos contribuem com a situação de péssimo desempenho escolar e cria obstáculos para permanência por parte dos meninos e negros.

O enigma da igualdade no mundo atual e os atuais debates sobre igualdade e diferença, direitos individuais e identidades de grupo, tomam forma polarizada e, sobre isso, Scott (2005, p. 12) diz que,

## AS CONDIÇÕES DA INFRAESTRUTURA ESCOLAR, CORPO DOCENTE E RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DESCRITIVO EM ITAPETINGA, BA

não existem soluções simples para as questões, debatidas calorosamente, da igualdade e da diferença, dos direitos calorosamente, da igualdade e da diferença, dos direitos individuais e das identidades de grupo; de que posicioná-los como conceitos opostos significa perder o ponto de suas interconexões. Pelo contrário, reconhecer e manter uma tensão necessária entre igualdade e diferença, entre direitos individuais e identidades grupais, é o que possibilita encontrarmos resultados melhores e mais democráticos.

Na escola, o enigma da igualdade se torna mais complexo quando as atribuições de grupos por distinções de gênero, cor, raça/etnia são reforçadas por discriminação e os alunos recebem tratamento desigual, conforme suas condições econômicas, local de moradia, gênero, etc. A escola precisa cumprir a sua função latente e manifesta, educar o aluno para amar o mundo e tomar consciência de que devemos por amor ao mundo, amar nossas crianças e estimulá-las ao pensar autônomo, a conhecer o mundo (ARENDRT, 1997). A educação é um direito humano, não pode ser um privilégio de poucos, mas de todos, independente de diferenças de gênero, classe, etnia/raça, religião, cor da pele, sexo etc.

Bourdieu e Passeron (2007) lembram que o sistema educacional exerce seu papel de reprodução das desigualdades de gênero, raça, classe, desempenha suas funções, relativamente estáveis na reprodução social e cultural. A escola e a família, instituições compactuadas, são aliadas e cúmplice nesse processo de reprodução e a estrutura escolar é um campo multidimensional, plural, no qual, os sujeitos são definidos pelas suas posições relativas nesse espaço e, assim, reproduz desigualdades de gênero, étnico-raciais nas interações e sociabilidades.

Na verdade, a escola sempre se isola, tornando-se um espaço pedagógico impedido de formar para a cidadania, autonomia e condição humana e não demonstra disposição para pensar porque anda ocupada com a manutenção da ordem que produz/reproduz desigualdades e exclusão. Os alunos são reconhecidos como indivíduos vazios de conhecimento, posicionados sob orientação do professor que detém o saber, situando-se no espaço tradicional, conservador, autoritário, disciplinador da sociedade, impedido de inserir práticas sociais no contexto escolar.

Para Santos (2001), é possível buscar uma resposta à pergunta: Por que pensar? O autor questiona: “Porque não podemos confiar em quem pensa por nós, em quem se arroga a pensar por nós. Por quê? Porque nos dizem uma série de coisas que é perigoso tomar por verdadeiras” (p. 22). A luta e resistência traz ambiguidades e sentidos diversos, mas é preciso pensar sobre essa questão e resistir. Na medida em que a família, a escola e a sociedade cumprem cada uma

## AS CONDIÇÕES DA INFRAESTRUTURA ESCOLAR, CORPO DOCENTE E RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DESCRITIVO EM ITAPETINGA, BA

com o seu papel na educação, preocupando-se com a socialização, formação de valores, cidadania, constituição de subjetividades, mantém acesa a luz do conhecimento plural, possibilita o encontro com a diferença e diversidade.

A Constituição Brasileira de 1988 (BRASIL, 2004) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 9.394 (BRASIL, 2005) trazem a concepção de educação e processo de democratização como mecanismos favoráveis à igualdade e conscientização do valor da expressão “direito a ter direitos”, permitem a luta pela igualdade de gênero e apontam caminhos para refletir sobre articulações entre relações de gênero e desempenho escolar.

Há muito tempo, a vida escolar consiste no pensamento de Durkheim (2008), “em um momento decisivo, único, insubstituível, no qual podemos formar a criança, dado que nessa fase da vida, a sociedade ainda não alterou profundamente sua natureza” (CUNHA, 2010, p. 12) e, mais ainda temível, é que ainda não despertou sentimentos nas crianças e a tornam parcialmente refratária à vida em comum. Não podemos desistir da escola, é o ambiente intermediário entre a família e a sociedade e insiste em mostrar sua importância no papel de mediação.

A escola, em sua função protetora, precisa configurar-se cada vez mais como uma instância de educação para os valores da modernidade, combatendo por todos os meios educativos ao seu alcance e caminhando *pari passu* com a família e responsáveis pelas crianças, adolescentes e jovens, todas as formas de discriminação que podem comprometer não apenas a qualidade da formação e da educação oferecida, como pode colocar em risco o futuro itinerário do aluno (2010, p. 12).

Abramovay, Cunha e Calaf (2010) observam as experiências de gênero, a partir de discursos e práticas na escola, valores e moralidades sobre o que meninos e meninas fazem, falam/pensam, sentem e constatarem “que embora as práticas e valores pedagógicos tenham se modificado no que se refere às relações entre os gêneros – continuam presentes determinados padrões tradicionais sobre os papéis e as atividades” (p. 431). A recomendação foi para que a escola deva modificar esta realidade de violências diversas, inclusive de gênero, mas, para isso, é preciso que normas da escola não sejam ignoradas, mas conhecidas pelos alunos e, por eles, respeitadas. É fundamental desenvolver dinâmicas de interação entre gêneros, os significados a eles atrelados, com atitudes democráticas e participativas, educar para a autonomia e valorizar o diálogo na escola. A dificuldade da escola de educar para a autonomia é permanente, pois não sofreu mudanças e continua a não estimular o pensamento. O que mais preocupa a todos, é que

## AS CONDIÇÕES DA INFRAESTRUTURA ESCOLAR, CORPO DOCENTE E RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DESCRITIVO EM ITAPETINGA, BA

as condições e organização da infraestrutura escolar são motivos para provocações sobre as condições para que a aprendizagem de seus alunos possa ocorrer.

A infraestrutura escolar, entendida como ambiente físico da escola, “é um dos aspectos da educação brasileira que vem chamando a atenção há muitos anos” (SOARES NETO et al 2013, p. 80). Estudos sobre condições materiais, eficiência e eficácia dos gastos públicos com educação têm avançado e tratam da influência da infraestrutura para condições do aprendizado dos alunos. Chamam atenção sobre aspectos relacionados aos impactos do ambiente físico da escola na reprodução das desigualdades e dizem que, para além do desempenho dos estudantes, deve-se avaliar fatores contextuais passíveis de intervenção, que possam trazer melhorias ao sistema educacional. Estes estudos têm contribuído com pesquisas que buscam avaliar o efeito escolar, impacto de fatores contextuais no desempenho escolar, esclarecem o processo de produção de desigualdades e demonstram que diferenças de desempenho podem reproduzir um histórico de desigualdades sociais. Para “promover a educação requer a garantia de um ambiente com condições para que a aprendizagem possa ocorrer” e deve-se proporcionar um ambiente físico “que estimule e viabilize o aprendizado, além de favorecer as interações humanas” (2013, p. 78).

Para Bourdieu e Passeron (2007) e Bourdieu (1998), a escola e a educação são instâncias reprodutoras das desigualdades sociais e é no campo da educação que se encontram espaços de disputa de poderes, porém, são disputas desiguais, nas quais, as posições são polarizadas. Nesse jogo de disputas, as posições já são predeterminadas a favor do capital simbólico dos indivíduos participantes e, conseqüentemente, de sua situação econômica. Assim, ocorre na escola que coloca seus alunos em condições desiguais, privilegiando-os de acordo com sexo, gênero, etnia, classe social, valor da avaliação escolar.

Carvalho (2012) chama atenção para as diferenças e desigualdades na escola, gênero, cor, raça, idade, origem e enfatiza o problema das disparidades de acesso e poder que permeiam relações sociais e se caracterizam com atos/formas de violências entre masculinos e femininos. Para Rezende e Carvalho (2012) as relações de gênero e desigualdades educacionais, em confluência com outros marcadores sociais (cor, raça, classe) aparecem imbricados, se intensificam e diversificam violências na escola.

Dentre as considerações sobre gênero tecidas por Saffioti (2015), está a explicação de que este conceito “não se resume a uma categoria de análise, como muitas estudiosas pensam,

## AS CONDIÇÕES DA INFRAESTRUTURA ESCOLAR, CORPO DOCENTE E RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DESCRITIVO EM ITAPETINGA, BA

não obstante apresentar muita utilidade enquanto tal e gênero diz respeito a uma categoria histórica, cuja investigação tem demandado muito investimento intelectual. A autora busca um conceito enquanto categoria de análise, concebendo gênero “como, numa certa instância, uma gramática sexual, regulando não apenas relações homem-mulher, mas também relações homem-homem e relações mulher-mulher” (p. 47). Os exemplos citados enfatizam determinado aspecto de gênero por estudos feministas, reconhecido por ela, como um campo que ainda é limitado, mas que de consenso, toma gênero como uma construção social do masculino e do feminino. Saffioti (2015, p. 47) apoia na concepção de gênero como

aparelho semiótico (LAURETIS<sup>i</sup>, 1987); símbolos culturais evocadores de representações, conceitos normativos como grade de interpretação de significados, organizações e instituições sociais, identidade subjetiva (SCOTT<sup>ii</sup>, 1988); como divisões e atribuições assimétricas de características e potencialidades (FLAX<sup>iii</sup>, 1987)

Gênero, termo polissêmico, com significados diversos, de difícil conceituação e definição. Saffioti (2015) procura mostrar que gênero “não explicita, necessariamente, desigualdades entre homens e mulheres. Muitas vezes, a hierarquia é apenas presumida” (p. 47) e, assim como patriarcado, está em constante transformação. Se não bastasse essa dificuldade de conceituação, gênero apresenta outras diversas, por exemplo, sobre hierarquias de gênero e raça na implementação das políticas sociais.

Rosemberg e Madsen (2011, p.392) observam que a formulação e o monitoramento de políticas educacionais, a partir de uma perspectiva de gênero, “focada exclusivamente no acesso, deixa escapar importantes dimensões da complexa estrutura de desigualdades que define e é definida pela educação nacional”. As autoras (2011), assim como Caviedes, Fernández e Barrientos (2006, p. 10), buscam aporte teórico de Fraser para dizer que:

para o campo da educação, estabelecem a seguinte relação: política de acesso igualitário à educação equivaleria a políticas de redistribuição visando à justiça distributiva; políticas do processo educativo, ou da *socialização de gênero* (itálico das autoras), visaria à justiça cultural ou simbólica de Fraser (2011, p. 392).

Diante disso, aumenta as dificuldades da escola para discutir gênero, principalmente porque a falta de preparo do professor e a desconstrução de conceitos atravessados de preconceitos não permitem diálogo e compreensão dos envolvidos. Rosa e Bohn (2015, p. 698)

## AS CONDIÇÕES DA INFRAESTRUTURA ESCOLAR, CORPO DOCENTE E RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DESCRITIVO EM ITAPETINGA, BA

lembram que o banheiro “se apresenta como um espaço de significação para muitos jovens, já que ali a intimidade é preservada e ao mesmo tempo, por ser público, as marcas deixadas são socializadas entre os usuários”. Ao analisar imagens de colagens feitas nas portas dos banheiros, divididos em feminino e masculino, observam que a curiosidade sobre corpo e sexualidade é despertada muito cedo e o banheiro escolar é transformado como espaço de produção de sentidos e influencia a construção identitária dos usuários. Nesta perspectiva, questões sobre a articulação e sobre como e por que, na escola, o fracasso escolar ainda é um mal que persiste na forma de classificar comportamento de meninos e meninas, masculinidades e feminilidades, com estereótipos e preconceitos negativos.

A escola pode reproduzir valores e atitudes a favor de uma sociedade mais justa e menos desigual, necessárias à cidadania e dignidade humana, ao respeito à diversidade de gênero, raça/etnia, mas também, se constituir como espaço que pode ser utilizado como lugar de violências. Quando se define como espaço de aprendizado de valores éticos e práticas educativas bem sucedidas, torna-se um ambiente de confiança, liberdade, alegrias, ternura. O espaço do recreio é um lugar privilegiado para construir sociabilidades positivas, possibilitar diálogos, trocas de conhecimentos necessários ao combate de preconceitos nas relações de gênero e outras violações dos direitos humanos. Cabe a escola, a responsabilidade de identificar, reconhecer, enfrentar situações de preconceitos, discriminação, exclusão, insucesso escolar.

Responder a esses problemas certamente vai requerer da escola uma grande desconstrução de seus saberes e práticas, sem abandonar o conhecimento que é necessário à transformação, observar condições e organização da infraestrutura escolar, preparar o corpo docente, mantendo-o qualificado, reconhecer que essas questões produzem influências nas relações de gênero no contexto escolar e, por fim, que a emancipação pressupõe transformação de atitudes, “política de vida” solidária, respeito à diversidade e convivência com a diferença na escola.

### **O campo: estrutura física, formação de professor e relações de gênero**

As informantes deste estudo foram 5 professoras que atuam no ensino fundamental I, sendo que, 3 dessas trabalham dois turnos na escola e todas participaram de grupos focais. A escola funciona em dois períodos: turno matutino e vespertino. Atende a educação infantil e o

## AS CONDIÇÕES DA INFRAESTRUTURA ESCOLAR, CORPO DOCENTE E RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DESCRITIVO EM ITAPETINGA, BA

ensino fundamental I. Participaram também como informante, um total de 90 alunos, observados no momento de entrada às 7h e saída às 11h30 da escola, durante atividades nas salas de aula e brincadeiras na “hora do recreio”, momento do intervalo onde se encontram e constroem espaços de relações de interação e sociabilidades no contexto escolar.

A escolha dos alunos foi por amostra aleatória, turmas de 2<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> série do ensino fundamental, selecionados 15 alunos por turma, 45 no matutino e 45 no vespertino. A escola campo fica no centro urbano de Itapetinga, BA, na qual realizamos ações de combate à violência e criação de práticas em Educação em Direitos Humanos (EDH), com alunos do estágio supervisionado e da optativa Escola, Violência e EDH, além de *lócus* de realização de pesquisa de iniciação científica (IC) e trabalho de conclusão de curso (TCC) de Pedagogia. Desde dezembro de 2014, é parceira do Projeto de Formação da Rede de Pesquisa Discurso, Representações e Violência na Escola, e atende simultaneamente alunos do próprio bairro e de bairros periféricos distantes. O acesso dos alunos de bairros distantes até a escola é feito pelo ônibus escolar. Para seleção da escola, o recorte teve como base na sua localização e observação do conjunto de escolas parceiras da Rede, que evidenciam situações de violência de gênero, com informações em estudos e ação de intervenção entre 2008-2018, constantes nos resultados e considerações em relatórios de pesquisa pela Rede e no contexto do curso de Pedagogia, com propostas pedagógicas e práticas que se diversificam no contexto escolar. Durante a observação *in loco*, levamos em consideração para delimitação do campo, as condições e organização da infraestrutura escolar e sua influência nos resultados da aprendizagem dos alunos, condições de oferta da infraestrutura, variáveis de referência às instalações sanitárias.

Quando foi convidada a participar como parceira de pesquisas e ações estratégicas no combate à violência, em maio de 2014, esta escola, de acordo com resultados de dados coletados pela pesquisa da Rede, já apresentava um histórico de diferentes tipos de violência, agressividade, *bullying*, xingamentos, preconceitos de gênero, raça/etnia e violência presente no seu entorno, tráfico de drogas, agressões e uso de armas brancas em brigas entre alunos.

É importante destacar que, atualmente, é possível perceber alguns avanços nessa direção, inclusive os dados revelam que a participação do professor em serviço e curso de Pós-Graduação Mestrado na área de Educação, tem possibilitado a promoção de novos conhecimentos sobre temáticas transversais no currículo e já é possível observar mudanças de comportamento, atitudes dos informantes sobre categorias de gênero, raça/etnia, e no combate

## AS CONDIÇÕES DA INFRAESTRUTURA ESCOLAR, CORPO DOCENTE E RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DESCRITIVO EM ITAPETINGA, BA

a situações que produzem preconceitos e, certamente, resultam em desigualdades e relações de subordinação de gênero, no contexto escolar.

Conforme a percepção das professoras, nas relações entre alunos no espaço escolar, as desigualdades de gênero são cruzadas e potencializadas por outras desigualdades como de classe, local de moradia, étnico-raciais, cor da pele, condições econômicas e as desigualdades escolares são atravessadas pelos efeitos de preconceitos, discriminação, estereótipos, estigmas da sexualidade que decorrem da produção de heteronormatividade e heterossexismo (LOURO, 1997) nas relações escolares, uma forma frequente de discriminar homossexuais no ambiente escolar. Durante a observação foi possível perceber que não há mais separação de filas entre meninos e meninas para entrar na sala de aula ou participar de brincadeiras e/ou atividades realizadas no pátio da escola, “hora do recreio, atividades de classe, formação de grupos de trabalho na sala de aula, o que nos leva a compreender que a intersecção entre relações de gênero e escola e a produção e reprodução de preconceitos que essa construção pode gerar (VIANNA E RIDENTI, 1998, p. 96) e gênero, muitas vezes tomado com características distintas entre homens e mulheres, é usado “pelos indivíduos na construção de um conjunto de representações sociais e culturais, valores e atribuições sociais”.

Os informantes passam a entender que a questão da diferença é fundamental para compreender as relações que ocorrem na escola e não resta dúvida que, por ser a escola, um espaço de sociabilidade e práticas culturais, muitas vezes, essas práticas acabam traduzidas em preconceitos. Para entender esta problemática, à luz de Vianna e Ridenti (1998), partimos das diferenças de sexo, que tendem a qualificar as relações de gênero, para refletir sobre alguns de seus aspectos que produzem e reproduzem preconceitos no cotidiano escolar. Talvez esse é o percurso que a escola deverá perseguir para chegar a formas de pensar gênero como “um conceito aberto” e este conceito “não se resume a uma categoria de análise” (SAFFIOTI, 2015, p. 47).

Na Constituição de 1988, art. 205, as demandas sociais emergentes afirmam que “a educação é um direito de todos e dever do Estado e da família; na Lei 8.069 de 1990, o ECA (BRASIL, 1990), art. 53, todos “têm direito à educação e visa “o pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania, e qualificação para o trabalho; igualdade de condições a o acesso e permanência na escola”. Na LDB n. 9.394/96, art. 3º, a igualdade de condições ao acesso e permanência na escola visa a formação da cidadania, preparação para o

## AS CONDIÇÕES DA INFRAESTRUTURA ESCOLAR, CORPO DOCENTE E RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DESCRITIVO EM ITAPETINGA, BA

trabalho e participação na sociedade e é de conhecimento dos informantes professores, quando perguntados sobre o assunto. As discussões sobre a diversidade de alunos na escola se apresentam ainda como uma dificuldade ao desenvolvimento de ações educativas, mas a escola tem caminhado nessa direção.

Para os professores, a escola, a inserção social e relações de gênero, masculinidades e feminilidades e o direito do aluno a educação são prioridades e a educação não deve possuir qualquer tipo de discriminação. Esta questão é muito importante, assim como a maneira de se referir a classe social, raça/etnia, orientação sexual”. O *bullying* é um tipo de violência muito presente na escola e provoca a preocupação das professoras e gestão escolar. A atual diretora demonstrou interesse em combater este tipo de violência “porque tem causado muitos danos aos alunos”, e são diversas as formas de abordagem do *bullying*, xingamentos, pequenas brigas, envolvendo gênero, raça/etnia. No período da pesquisa, foi observada diversas demandas sociais na escola, entre elas, o *bullying* relacionado a gênero e suas intersecções raça/etnia, local de moradia, desobediência. Os estagiários do 7º semestre de Pedagogia foram orientados a elaborar uma proposta pedagógica para trabalhar com valores, educação em direitos humanos, atitudes, comportamento e relações entre alunos na escola.

Apesar do esforço da escola e das parcerias que realizam propostas pedagógicas no combate a discriminação de gênero e suas intersecções raça/etnia, a escola ainda deve buscar melhorias das condições dos ambientes escolares, necessários para tratar destas questões. Para tratar dessa problemática, a escola deve possuir uma estrutura adequada, adaptada e organizada, com condições físicas e equipe preparada para atender a todos e as demandas sociais, inclusive relações de gênero. Foi possível observar que a pintura das paredes depois da reforma é adequada, a organização dos espaços do recreio, pátio e área interna aberta foram reformadas, o piso é seguro, porém, as dependências escolares e os sanitários ainda não foram adaptados e são estruturas consideradas “elementares” e fortemente marcadas pelas preferências sexuais, de controles institucionais e merecem atenção.

Nesse sentido, foi possível perceber que as práticas educativas bem sucedidas até então, pela escola tem permitido o desenvolvimento de propostas pedagógicas sobre temáticas diversas, por parceiros que atuam em cumprimento de carga horária de estágios supervisionados obrigatórios e práticas de Escola, Violência e EDH, alunos da Universidade que procuram

## AS CONDIÇÕES DA INFRAESTRUTURA ESCOLAR, CORPO DOCENTE E RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DESCRITIVO EM ITAPETINGA, BA

espaços para desenvolver atividades de Pedagogia, realizadas, continuamente, a cada semestre do curso, e as referidas disciplinas são oferecidas em todos os semestres, respectivamente.

Por isso, com diferentes turmas por semestre (destaca-se aqui que o curso é semestral e ofertado por uma universidade estadual) e as atividades que são realizadas desde 2014, com a formação da Rede de Pesquisa Discursos, Representações e Violência na Escola: pensar e agir sobre formação de valores e permanência dos alunos na escola”, tendo esta escola como parceira do projeto. Os alunos da optativa retornam à escola campo, na maioria das vezes, para desenvolver a proposta do estágio supervisionado no ensino fundamental I, sob a supervisão e coordenação da mesma professora do curso, possibilitando, dessa forma, dar continuidade às ações e olhar que se posiciona sobre as lacunas abertas pelos estudos e pesquisas realizadas na escola.

Enfim, a estrutura física e organizacional da escola investigada, conforme depoimento da diretora, sofreu uma reforma, foi reservada uma sala de aula para criação de um laboratório de atendimento à educação inclusiva para alunos portadores de necessidades especiais, nas salas de aulas e no pátio foram realizados serviços de pintura e substituição dos pisos lisos por cerâmicas antiderrapantes, reformas nos banheiros, modificação na sala de coordenação, secretaria, direção e sala dos professores que se encontram mais organizadas, disponibilizando recursos ao atendimento docente. Os resultados de dados coletados pela pesquisa revelam que a escola, de modo ainda muito tímido, tem procurado adequar sua infraestrutura física para atender às necessidades dos alunos no recreio, a melhoria das instalações sanitárias e o desenvolvimento de atividades pedagógicas no contexto escolar, considerando a importância de manter os ambientes mais alegres, limpos, com pintura das paredes mais claras e alegres, pisos muito limpos, higienizados e adequados ao que se preconiza para espaços escolares.

### Considerações Finais

Foi possível perceber que, apesar do esforço da escola de garantir boas condições estruturais e organizacionais para que os seus alunos tenham ambientes mais favoráveis ao aprendizado e trabalho pedagógico de qualidade, as salas de aula ainda não dispõem de ventilação e/ou climatização adequada, e no turno vespertino, os raios solares adentram os espaços das salas de aula, os equipamentos são antigos, considerados ruins e inadequados para

## AS CONDIÇÕES DA INFRAESTRUTURA ESCOLAR, CORPO DOCENTE E RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DESCRITIVO EM ITAPETINGA, BA

os alunos, o espaço utilizados pelos alunos para o “intervalo do recreio” é precário, o laboratório de informática encontra-se em bom estado de conservação e com equipamentos insuficientes à quantidade de alunos, funciona de modo precário, mas, de modo muito tímido, já sofreu alterações, dando saltos positivos.

Acreditamos que o direito à diferença, o direito a ter direitos implica o direito ao reconhecimento de identidades próprias, que são construídas ao longo da vida, o que propicia a incorporação da perspectiva de gênero, isto é repensar, visitar e (re)conceituar os direitos humanos, a partir da relação entre os gêneros, como um tema transversal e plural. E, por tudo isso, do ponto de vista das políticas públicas nacionais e internacionais em EDH e sociais, um dos maiores desafios dos novos tempos na sociedade brasileira é promover a articulação entre a família e a escola, além de outras pessoas da comunidade local, possibilitar uma educação e ensino democrático, além de continuar implementando medidas para a eliminação de desigualdades e discriminação nos ambientes escolares. Contudo, é preciso que a escola não perca de vista a necessidade de enfrentar de forma contínua, permanente e cotidiana, as manifestações/atos de violência, preconceitos ainda existentes no contexto escolar, e para combater às desigualdades e violências de gênero deverá contar com práticas educativas e culturais, permeadas de diálogo aberto e inovador, conscientizando os participantes sobre a importância do interesse de cada um.

### REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam (Coord.). **Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas.** ABRAMOVAY, M.; CUNHA, Anna L.; CALAF, Priscila P. Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino-americana – RITLA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEEDF, 2010.

ARENDRT, Hannah. **Origens do Totalitarismo: anti-semitismo, imperialismo, totalitarismo.** Tradução Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ARENDRT, Hannah. **Entre o passado e o futuro.** Tradução Mauro W. B. de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 1997.

BELOTTI, Elena Gianini. **Educar para a submissão.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

**AS CONDIÇÕES DA INFRAESTRUTURA ESCOLAR, CORPO DOCENTE E  
RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL: UM  
ESTUDO DESCRITIVO EM ITAPETINGA, BA**

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – Lei n. 9394/96. 9 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

BRASIL. Lei n. 8.069 de 1990. Dispõe sobre o **Estatuto da Criança e do Adolescente** – ECA. Brasília: Presidência da República/Casa Civil, 1990. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm) Acesso em: 22 de fev. 2020.

CARVALHO, Marília Pinto de (Org.). **Diferenças e desigualdades na escola**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

CAVIEDES, Elizabeth Guerrero; FERNÁNDEZ, Patrícia Provoste; BARRIENTOS, Alejandra Valdés. Acceso a la educación y socialización de género en un contexto de reformas educativas. In: CAVIEDES et al (Org.). **Equidad de género y reformas educativas**. Santiago de Chile: Hexagrama. FLACSO-IESCO, 2006. p. 7-50.

CUNHA, Célio da. Ambiente escolar e qualidade da educação. In: ABRAMOVAY, Miriam (Coord.). **Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas**. Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino-americana – RITLA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEEDF, 2010.

DURKHEIM, Émile. **A educação moral**. Tradução Claudia Grijó Vilarouca. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, escola e identidade. In: **Educação & Realidade**. Rio Grande do Sul: UFRGS, v. 25, n. 2, p. 59-75, jul./dez. 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

REZENDE, Andréia Botelho de; CARVALHO, Marília Pinto de. Formas de ser menino negro: articulações entre gênero, raça e educação escolar. In: CARVALHO, Marília Pinto de (Org.). **Diferenças e desigualdades na escola**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

ROSA, Sabrina Hax Duro; BOHN, Hilário Inácio. Os banheiros da escola como espaço de significação: as marcas de gênero e a influência da mídia na (trans)formação identitária de estudantes no ensino médio. In **Anais do International Congresso of Critical Applied Linguistics - ICCAL**. Brasília, p. 698-725, 19 a 21out. 2015.

ROSEMBERG, Fúlvia; MADSEN, Nina. Educação formal, mulheres e gênero no Brasil contemporâneo. In: BARSTED, Leila Linhares; PITANGUY, Jacqueline (Org.). **O progresso das mulheres no Brasil 2003-2010**. Rio de Janeiro: CEPIA; Brasília: ONU Mulheres, 2011, p. 390-434.

## AS CONDIÇÕES DA INFRAESTRUTURA ESCOLAR, CORPO DOCENTE E RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DESCRITIVO EM ITAPETINGA, BA

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Seis razões para pensar. In: RODRIGUES, Leôncio Martins. **Lua Nova - Por que pensar?** São Paulo, UNICAMP/CEDEC, n. 54, p. 13-23, 2001.

SCOTT, Joan. O enigma da igualdade. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.13, n. 1, jan.-abr. 2005, p. 11-30

SOARES NETO et al. Uma escala para medir a infraestrutura escolar. In: **Estudos em Avaliação Educacional – EAE**. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, v. 24, n. 54, p. 78-99, jan./abr. 2013.

VIANNA, Cláudia; RIDENTI, Sandra. Relações de gênero e escola: das diferenças ao preconceito. In: AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Diferenças e preconceito na escola: alternativas Teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998.

### SOBRE OS AUTORES

Maria de Fátima de Andrade Ferreira é Pós-doutora em Antropologia Social e Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Departamento de Ciências Humanas, Educação e Linguagem, Programa de Pós-graduação Mestrado em Ensino e Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade. Coordena o Núcleo de Pesquisa e Extensão Gestão em Educação e Estudos Transdisciplinares e Rede de Pesquisa Representações, Discursos e Violência na Escola (FAPESB/UESB).

Endereço eletrônico: mfatimauesb@hotmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4094-6741>

José Valdir Jesus de Santana é Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal de São Carlos. Docente do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação Mestrado em Ensino e Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Coordena Grupo de Pesquisa em Etnicidades, Relações Raciais e Educação.

Endereço eletrônico: santanavaldao@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7215-2562>

# AS CONDIÇÕES DA INFRAESTRUTURA ESCOLAR, CORPO DOCENTE E RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO DESCRITIVO EM ITAPETINGA, BA

Recebido em: 29/03/2020

Aprovado em: 02/05/2020

Publicado em: 01/07/2020

## Notas

---

<sup>i</sup> LAURETIS, Teresa de. *The technology of gender*. In: LAURETIS, T. de. **Technologies of gender**. Bloomington e Indianapolis: Indiana University Press, 1987. p. 1-30.

<sup>ii</sup> SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre: UFRGS, 1990. p.71-99.

<sup>iii</sup> FLAX, J. "Postmodernism and gender relations in **feminist Theory**". Signs. Chicago, The University of Chicago, v. 12, n.4, 1987, p. 621-43.